

TRADUÇÃO DA NOVELA *DER TOD DES KLEINBÜRGER*, DE FRANZ WERFEL, PARA O PORTUGUÊS

TRANSLATION OF FRANZ WERFEL'S *DER TOD DES KLEINBÜRGER* INTO PORTUGUESE



Traduzido por

Murilo Jardelino COSTA
Professor

Faculdade de São Bernardo do Campo
São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/1332650417198260>
<https://orcid.org/0000-0002-6956-4416>
murilo.costa@fasb.com.br

Clelia BARQUETA
Professora adjunto III

Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas Letras e Artes
Departamento de Letras Estrangeiras e Modernas
João Pessoa, Paraíba, Brasil.
<http://lattes.cnpq.br/0793028024601891>
cbarqueta@uol.com.br

1

Resumo: Franz Werfel nasceu em 1890 em Praga. Sua família pertencia à comunidade judaica da Boêmia alemã. Poeta, contista e romancista, era membro do grupo de Praga, contemporâneo de Franz Kafka. Seu romance mais conhecido é *Die vierzig Tage des Musa Dagh*. Foi editor de grandes poetas em língua alemã tal como Georg Trakl. Na década de 1920 casa-se com Alma Mahler e vivem em Viena até perceberem como se tornara perigoso ser judeu em territórios sujeitos à Alemanha nazista. Emigram para os Estados Unidos, onde tornou-se cidadão norte-americano em 1941. Morreu em 1945, com 54 anos, de ataque cardíaco. Publicada em 1926, a novela “A morte do pequeno burguês”, está ambientada no período após a Primeira Guerra, época de grande movimento demográfico nas nações que se originam do Império Austro-Húngaro, caracterizada por uma forte imigração da população tcheca de origem germânica para Viena. A rápida modernização urbana não é acompanhada pela geração de empregos necessários para a população. Com o esfacelamento do império austro-húngaro os militares perdem a utilidade e o prestígio. Muitos tiveram de ser demitidos e se tivessem sorte receberiam um posto como funcionários públicos. Segue a tradução do capítulo 01 da novela.

Palavras-chave: Tradução literária, Franz Werfel, A morte do pequeno burguês.

Abstract: *Franz Werfel was born in 1890 in Prague. His family belonged to the Jewish community of German Bohemia. A poet, storyteller and novelist, he was a member of the Prague group, a contemporary of Franz Kafka. He was editor of great German-speaking poets such as Georg Trakl. In the 1920s he married Alma Mahler and lived in Vienna until they realized how dangerous it had become to be Jewish in territories under the Nazis. They emigrated to the United States, where he became an American citizen in 1941. He died in 1945, at the age of 54, of a heart attack. Published in 1926, the novel "The Death of a Poor Man", is set in the period after the First War, a time of great demographic movement in the nations that originated from the Austro-Hungarian Empire, characterized by strong immigration of the Czech population of Germanic origin to Vienna. The rapid urban modernisation was not followed by the creation of jobs needed for the population. With the shattering of the Austro-Hungarian Empire the military lost their usefulness and prestige. Many had to be fired and they were lucky if they could receive a post as civil servants. Here is the translation of chapter 01 of the novel.*

Key words: *Literary translation, Franz Werfel, The Death of a Poor Man.*



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Para conhecer o autor

Franz Werfel nasceu em 1890 em Praga. Sua família pertencia à comunidade judaica da Boêmia alemã. Poeta, contista e romancista, era membro do grupo de Praga. Dentre seus contemporâneos, foi amigo de Willy Haas (ainda cedo juntou-se ao círculo literário de Franz Werfel e seus amigos, que se encontravam no Café Arco, em Praga. Escritor, roteirista, crítico literário, jornalista, editor), Ernst Deutsch (famoso ator austríaco de origem tcheca. Atuou em cerca de 42 filmes mudos. Em 1949 trabalhou no filme *O Terceiro Homem*, de Carol Reed. Rodado em Viena o filme mostra o estado de destruição da cidade após a guerra). Max Brod (escritor, compositor, mais conhecido por ser o responsável pelo testamento de Franz Kafka) e Franz Kafka. Seu romance mais conhecido é *Die vierzig Tage des Musa Dagh / Os quarenta dias de Musa Dagh* (1933), traduzido para o português na década de 1990 pela editora Paz e Terra. Trata-se de um romance histórico baseado no genocídio armênio, ocorrido entre 1915 e 1923, pelo império Otomano.

2

Foi editor de grandes poetas em língua alemã tal como Georg Trakl. Nas primeiras décadas do século XX, enquanto morou na Alemanha, conviveu com Else Lasker-Schüler, Martin Buber, Rainer Maria Rilke, entre outros escritores, poetas e intelectuais de língua alemã. Na década de 1920 casa-se com Alma Mahler e vivem em Viena até perceberem como se tornara perigoso ser judeu em territórios sujeitos à Alemanha nazista. Emigram para os Estados Unidos, onde tornou-se cidadão norte-americano em 1941. Sua obra passa a ser traduzida para o inglês e um de seus romances é adaptado para o cinema. Acaba por morar perto do seu velho amigo Ernst Deutsch, que também emigrara. Morreu em 1945, com 54 anos, de ataque cardíaco.

Dados sobre a novela

Publicada em 1926, a novela “A morte do pequeno burguês”, está ambientada no período após a Primeira Guerra, época de grande movimento demográfico nas nações que se originam do Império Austro-Húngaro, caracterizada por uma forte imigração da população tcheca de origem germânica para Viena. A rápida modernização urbana não é acompanhada pela geração de empregos necessários para a população. Com o esfacelamento do império austro-húngaro os militares perdem a utilidade e o prestígio. Muitos tiveram de ser demitidos e se tivessem sorte receberiam um posto como funcionários públicos. Com os problemas econômicos, como inflação, desemprego, que atingiam os países nessa época, até mesmo esses trabalhos são posteriormente colocados em risco. E é nesse contexto em que se encontra o

protagonista da novela, Sr. Fiala. Ele já não sente mais a segurança e a proteção de outrora. Para ele, os tempos anteriores à Primeira Guerra Mundial eram estritamente regulamentados e a sociedade era estruturada. Essa mudança fica clara logo no primeiro capítulo quando Karl Fiala perde o emprego porque o sobrinho de seu superior precisa de um emprego (“Pech, o administrador geral e chefe de recursos humanos, foi certamente o responsável por sua aposentadoria prematura. Quem sabe se o interesse do tal oficial naquele momento não fosse acomodar um de seus protegidos!?”). Outro episódio da novela também reflete essa mudança. E isso o antigo membro que servia o império vai descobrir quando adoece, porque, sem o conhecimento do porteiro do hospital, dificilmente ele conseguiria um leito no hospital (“Franzl, vá até o Hospital Geral. Fale com Wotawa. Ele é um dos responsáveis pela administração! Ele já está sabendo de tudo! Pergunte se há algum leito livre.”). Segue a tradução do capítulo 01 da novela.

A MORTE DO PEQUENO BURGUEÊS – CAPÍTULO 01

3

Era um apartamento de sala, cozinha e um pequeno cômodo no quarto andar de um prédio na Rua Josefstädter, bem próximo dos limites da cidade. O casal Fiala dorme no pequeno cômodo; Klara, irmã da Sra. Fiala, em um colchão de palha na cozinha, onde certamente não caberia uma segunda acomodação; e a Franzl resta o sofá impermeabilizado na sala. Desse aposento não se vê a rua, mas um grande pátio interno. Apesar de o pátio iluminado não honrar seu nome, os moradores mais indulgentes ainda assim costumam dizer que uma acácia sempre floresce em sua lendária profundidade e que, apesar de escuros, os apartamentos são silenciosos. Hoje, a propósito, com o ar cortante do inverno nas ruas, o sol ensaiava lançar alguns fracos raios de luz contra a parede da sala no momento em que o Sr. Fiala entrava.

O inquilino examina seu aposento, não sem complacência. Outros estão em pior situação. Quantos estão na rua! Até mesmo autoridades que ocupavam postos infinitamente mais altos: oficiais e majores! Quem poderia entender tudo que acontecera naqueles anos?! Manter-se firme, ficar quieto, é o que importa. É uma sorte que alguém com 64 ainda tenha um emprego. Embora de meio período, a empresa continua reduzindo seu quadro todos os dias. Deus é misericordioso e o salário de um vigia de armazém é pequeno demais para ser cortado! Está tudo muito bem. Um homem de 64 anos, uma mulher de 62, não sentem muita fome.

Klara, criatura esperta, alimenta-se nas casas em que trabalha. Resta, apenas, o infortúnio do Franzl.

Esse fluxo de pensamento de Sr. Fiala, que se repete dia e noite, é interrompido. Prepara-se, então, para fazer o que sempre faz quando volta para casa e entra na sala. Primeiro, dirige-se ao armário onde estão os cachimbos. Passa a mão sobre os fornilhos de porcelana. Nunca fumou cachimbo ou qualquer outra coisa. O armário é um presente de um antigo chefe, que queria livrar seu apartamento daquela fumaça e da mobília sinistra. O Sr. Fiala sente prazer em tocar o esmalte dos cachimbos. A sensação é de preciosidade e aconchego. Suas mãos os acariciam, remetendo-o a tempos esquecidos, a dias melhores. O velho então se afasta do armário e dá um passo em direção à mesinha em frente à janela. Parece uma mesa de costura cuja utilidade foi obscurecida por todo tipo de arquitetura arrojada. Assim, as quatro quinas da placa terminam em quatro seres míticos, semelhantes a cavalos-marinhos ou gárgulas góticas. Sobre a mesa, não há um estojo de costura, mas uma escarcela e ao lado um suporte de papel mata-borrão. O Sr. Fiala repousa suas mãos sobre o mata-borrão, como se esse objeto refinado lhe transmitisse um sentimento gentil e reconfortante. Esse movimento sempre o aliviava. Não presta atenção nas duas poltronas ao lado da mesa de costura, porque agora está orgulhoso diante de sua cristaleira. *Dela* ele não se desfez, quando vendeu os outros móveis (antes, os Fialas tinham quatro quartos mobiliados, dos quais alugavam dois). A cristaleira é algo a que pode-se ficar olhando. Está ali como uma fortaleza, com suas colunas, maçanetas, torres. Ainda é da época da luxuosa confeitaria em Kralowitz, onde conheceu sua esposa. Um homem que pode reivindicar para si tal cristaleira não está totalmente perdido. Se a tivesse vendido, teria provavelmente adicionado 2 milhões de coroas à receita da transação. Mas quem, por tão pouco, abriria mão de sua dignidade? De fato, a venda de seu antigo apartamento rendeu uma boa quantia, graças a Deus! Mas quem pode confiar no dinheiro nesses tempos? Ele não era tão estúpido, como sua esposa insensata imaginava, a ponto de deixar a quantia na poupança. Já vira suas duas contas de poupança serem corroídas! Se perdesse aquilo que ainda lhe restava, o que seria de seu futuro, o que seria de sua mulher, o que seria de Franzl? Para Marie, o asilo para pessoas pobres em Lainz; para o garoto, o abrigo para jovens em Steinhof! O sr. Fiala sabe muito bem o que isso significa. Os idosos não cochicham sempre a respeito de suas aflições nas instituições de caridade? A vida ali deve ser tão terrível que eles pulam pela janela só para dar um fim ao sofrimento! “Os carros funerários vão e voltam dia e noite”. Mesmo que sejam apenas fofocas, o asilo é e continuará sendo uma vergonha. Ele não quer envergonhar seus pais,

que eram pessoas decentes e sempre tiveram posses. Nunca foi um mendigo, tampouco passou fome. Sua família não vai viver seus últimos dias em Lainz!

E foi nesse momento, enquanto limpava a borda da cristaleira com as mãos cartilaginosas, que Fiala começou a pensar em seu segredo. O sr. Schlesinger mostrou-lhe o caminho, Sr. Schlesinger, agente de seguros da empresa “Tutelia”, antigo conterrâneo e vizinho de anos. A sensação de autossatisfação de Fiala tem a ver com o segredo que ele compartilha com Schlesinger. No entanto, resta ainda um pouco de ansiedade em meio à satisfação. Mas sua cabeça está cansada e embotada, enquanto a boca de Schlesinger é rápida e treinada. Você acha, então, que esconder segredos das mulheres é coisa fácil? Schlesinger tem razão: não as deixe arrancarem nada de você! O pior nas mulheres é a eterna desconfiança.

O sr. Fiala se afasta da cristaleira para encerrar seu passeio habitual pela sala, onde seu coração se sente mais confortável quando está sozinho.

A fotografia do grupo pendia na parede, bem embaixo, adornada com galhos velhos cuja folhagem marrom, brilhosa, parece asas de insetos gigantes. Nela, em letras douradas, está gravado: ‘Ao sr. Karl Fiala, dos funcionários da Procuradoria Geral da Fazenda Nacional, Viena, 1910’. Isso não é um presente comum, pois, em geral, altos funcionários não se deixam fotografar ao lado de subordinados. Com que frequência você imagina que esses dois conselheiros mal-humorados, com indulgência paciente e sorriso forçado, ofereceriam seus rostos ao fotógrafo com esse propósito? Mas o sr. Fiala não se emociona muito com essa distinção no momento. Mesmo que a fotografia seja a representação de sua importância de outrora, dedica-lhe agora não mais que um pensamento passageiro: Pech, o administrador geral e chefe de recursos humanos, foi certamente o responsável por sua aposentadoria prematura. Quem sabe se o interesse do tal oficial naquele momento não fosse acomodar um de seus protegidos!? Aos 50 anos de idade, você só se aposenta se for obrigado. Se antes estivesse realmente tão doente, ainda estaria vivo hoje? Será que o médico, a quem teve de se apresentar no dia anterior a pedido de Schlesinger, o declararia saudável, depois de uma auscultação das mais engenhosas? Bem, Deus deve saber se o sr. Pech, o homem mau, e seu favorecido não estão em pior situação do que ele!

Mas, no momento, essas reflexões incomodam muito pouco o espectador da fotografia, seu presente de despedida. Ele está envolvido num escrutínio apaixonado da personagem, exuberante e cheia de pompa, entre os dois conselheiros magros. Essa pessoa é a única em todo o cenário que tem a cabeça coberta por um grande e brilhante chapéu tricorne adornado com renda prateada. Além disso, a pessoa também usa um pesado casaco de pele trançada, que dobra

– ou triplica – seu volume. Os punhos são dourados, como no casaco de um general. Por último, suas mãos com luvas volumosas seguram um longo cajado preto, coroadado com uma bola de prata. No geral, a pessoa assemelha-se a uma imagem ainda mais imponente do que a de um superior, que costumava governar o império em outros tempos com regras mais rígidas. Estaria esse homem talvez já doente naquele momento? Ele, que saiu calmo e obedientemente da guarita para vigiar quase todo o portão do prédio da administração? Ele, para cuja grandeza solitária os alunos que por ali passavam timidamente erguiam os olhos; ele, que no cumprimento de suas funções já sentia como uma espécie de insulto ao seu poder e reputação o fato de ser abordado por pessoas com insignificâncias a respeito de escada, piso e escritório? Ele, que prestava informações com uma voz friamente controlada somente depois que, com tolerância angustiada, se esforçava para prestar atenção a quem lhe perguntava?

O Sr. Fiala desfruta da reverberação dessa majestade. Em momento algum lhe ocorre relacionar o velho esfarrapado diante da foto com a figura imponente e magnífica do passado. Aquela figura imponente e o vigia de armazém atual que, nesta época do ano, cambaleia tremendo com o avental remendado, são duas pessoas totalmente diferentes, exceto pelo mesmo estilo de barba! Mas quem poderia comparar a barba imperial, rebuscada e imponente do homem uniformizado, com os ralos tufos de cerdas à direita e à esquerda que brotam hoje finos e cinzentos nas bochechas?

O próprio Fiala é o último a fazer essa comparação. Ele fica apenas olhando detidamente para a foto. A imagem é um altar. Dela emana poder e alegria. É por isso que ele sente vergonha e sempre tem medo de ser tragado por seus devaneios. Ainda hoje se viu com medo de que a porta da cozinha se abrisse de repente.

Somente então percebe a solene mudança na sala. A mesa em frente ao sofá impermeabilizado está arrumada. Coberta com uma fina toalha de mesa vermelha. Guardanapos e as lindas xícaras, que pertenceram à sogra, à confeitadeira de Kralowitz, estão sobre a mesa.

“Onde será que as mulheres escondiam todas essas coisas?”

Essa pergunta começa a tomar forma na mente de Fiala, mas não chega a ser totalmente formulada. Em seu lugar, envolve-o uma névoa de sensações agradáveis, quase tão vermelha como a toalha de mesa. Sempre fora assim, aos domingos, antes da guerra. O que tinha acontecido? Essas xícaras, esses guardanapos, essa toalha de mesa, é a ressurreição do homem na fotografia do grupo com todo seu poder guarnecido por peles.

O Sr. Fiala, ainda atordoado e corado, entrega-se, incrédulo, ao sonho. O segredo, o pacto, efetuado por Schlesinger, legitimado pelo poder da autoridade médica, intensifica o prazer do momento. Não é que ainda se possa esperar por um final decente. Está tudo ali. Há a bela toalha de mesa. Em suas dobras imaculadas, preservam-se os velhos tempos, aqueles dias em que se costumava ficar imponente e saudável nos portais das casas, quando tudo era gratuito e não se conhecia privação. Com a ajuda de Deus, tudo voltará a ser como antes. O asilo para pobres não lança mais sombra sobre o caminho, e Franzl também terá sempre o suficiente para não precisar ir para um abrigo.

REFERÊNCIA

WERFEL, Franz. (1926) *Der Tod des Kleinbürgers*. Projekt Gutenberg – DE.
<https://www.projekt-gutenberg.org/werfel/todklein/titlepage.html>